

## Romanceiro da Inconfidência: estudo sobre poesia e história

Profa. Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo<sup>1</sup> (UnB)

### Resumo:

Esta comunicação registra os momentos iniciais de uma tentativa de aproximação do *Romanceiro da Inconfidência* (1953), de Cecília Meireles. Esta pesquisa se insere em uma discussão maior sobre literatura e história que vem sendo desenvolvida no Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica na UnB.

**Palavras-chave:** Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles, arcadismo, inconfidência mineira, poesia moderna.

Diante de sua longa fortuna crítica, tento pensar o *Romanceiro da Inconfidência* (1953), de Cecília Meireles, como um desdobramento não necessariamente causal de um movimento mais amplo, iniciado pelos modernistas paulistas, movido pelo desejo de reconhecer a história brasileira. Nesse sentido, assim como Mário de Andrade se apropriou do idílio em *Amar verbo intransitivo* (1927) e da rapsódia em *Macunaíma* (1926), ou começou seu primeiro livro de poemas, *Paulicéia desvairada* (1922), com o poema “Inspiração”, retomando procedimentos retóricos do gênero épico, e o finalizou com um “LAUS DEO”, mesma forma usada por Gil Vicente ou por Bento Teixeira em *Prosopóeia* (1600), portanto, assim como Mario, Cecília também se apropria em seu *Romanceiro* de um gênero tradicional e antigo numa estética moderna, entretanto, não modernista.

O romanceiro forma antiga de caráter oral e popular, usada na Baixa Idade Média. Em verso e prosa, grandes feitos, histórias e lendas tradicionais constituíam os romances, cujo conjunto era chamado de romanceiro. O *Romanceiro da Inconfidência* narra em versos a história do século XVIII brasileiro-luso, inverte a ordem com que geralmente estas palavras são associadas porque no poema, a história daqui é que remete a de lá. O texto é constituído de 85 romances, 5 falas, 4 cenários, 1 Imaginária Serenata e um Retrato de Marília. O nome das 4 falas deve ficar registrado na ordem em que aparecem: Fala Inicial, Fala à antiga Vila Rica, Fala aos pusilânimes, Fala aos Inconfidentes Mortos.

*Grosso modo*, há uma fala para cada cenário com exceção do segundo cenário, Vila Rica, que comporta duas falas: a segunda e a terceira. Na Fala Inicial e no primeiro cenário é construída a relação presente-passado-presente na qual um narrador se apresenta de um tempo, digamos, presente da narração e dá indícios de sua relação com o passado, ao mesmo tempo em que reconstrói na cidade do presente, Outro preto, a antiga Vila Rica. Esse narrador em primeira pessoa apresenta ao leitor a si mesmo e a matéria de seu canto. Essa sua maneira de se posicionar frente à matéria narrada contém um elemento de justificativa da sua intervenção poética e de seu gesto contra o esquecimento e a ignorância.

O narrador, inicialmente, em primeira pessoa do singular, vai aos poucos se apropriando da história por meio de uma voz coletiva. Assim, há a sutil reversibilidade entre a primeira pessoa do singular e do plural num movimento dialético entre individualidade e coletividade. Copia toda a Fala inicial abaixo:

Não posso mover meus passos,  
por esse atroz labirinto  
de esquecimento e cegueira  
em que amores e ódios vão:  
- pois sinto bater os sinos,  
percebo o roçar das rezas,  
vejo o arrepio da morte,  
à voz da condenação;

- avisto a negra masmorra  
e a sombra do carcereiro  
que transita sobre angústias,  
com chaves no coração;  
- descubro as altas madeiras  
do excessivo cadafalso  
e, por muros e janelas,  
o pasmo da multidão.

Batem patas de cavalos.  
Suam soldados imóveis.  
Na frente dos oratórios,  
que vale mais a oração?  
Vale a voz do Brigadeiro  
sobre o povo e sobre a tropa,  
louvando a augusta Rainha,  
- já louca e fora do trono -  
na sua proclamação.  
Ó meio-dia confuso,  
ó vinte-e-um de abril sinistro,  
que intrigas de ouro e de sonho  
houve em tua formação?

Quem ordena, julga e pune?  
Quem é culpado e inocente?  
Na mesma cova do tempo  
cai o castigo e o perdão.  
Morre a tinta das sentenças  
e o sangue dos enforcados...  
- liras, espadas e cruzes  
pura cinza agora são.  
Na mesma cova, as palavras,  
o secreto pensamento,  
as coroas e os machados,  
mentira e verdade estão.

Aqui, além, pelo mundo  
ossos, nomes, letras, poeira...  
Onde, os rostos? onde, as almas?  
Nem os herdeiros recordam  
rastros nenhum pelo chão.

Ó grandes muros sem eco,  
presídios de sal e treva  
onde os homens padeceram  
sua vasta solidão...

Não choraremos o que houve,  
nem os que chorar queremos:  
contra rocas de ignorância  
rebenta a nossa aflição.

Choramos esse mistério,  
esse esquema sobre-humano,  
a força, o jogo, o acidente

da indizível conjunção  
que ordena vidas e mundos  
em pólos inexoráveis  
de ruína e de exaltação

Ó silenciosas vertentes  
por onde se precipitam  
inexplicáveis torrentes  
por eterna escuridão! (MEIRELES, 1989, p. 35-7)

Esse elemento que faz circular do presente de um eu num “labirinto de esquecimentos” para o passado tornado do presente, “ó meio-dia confuso, ó vinte-e-um de abril sinistro” ligados por indagações desse presente ao passado, “quem ordena, jun ga e pune? Onde, os rostos? Onde, as almas?” e movidos por motivos expostos, “nem os herdeiros recordam”, “não choraremos o que houve ... contra rocas de ignorância rebenta **nossa** aflição”. Portanto, o narrador que não se esquece, “pois sinto bater os sinos .... avisto a negra masmorra .... descubro as altas madeiras do excessivo cadafalso”, emite seu canto por uma aflição **nossa, contra ignorância nossa**.

Esse tratamento da história, tornada viva a partir de um momento presente, constrói um gesto narrativo de uma consciência que inscreve sua presença no passado como um modo de lidar com sua presença no presente, ele não apenas observa e descreve o passado, mas ele também pretende interferir e participar dos destinos do futuro construídos por sua atitude no presente, porque seu canto preenche uma necessidade do presente num gesto não conformista. Portanto essa presença do passado não o toma como algo acabado e superado, mas como algo ainda não resolvido. Transparece aqui uma relação com as “Teses sobre o conceito de história” (1940).

O narrador do *Romanceiro da inconfidência* constrói seu poema diante de vários perigos. Nosso desejo de liberdade, experimentado na Inconfidência de um modo culturalmente elitista, atrelado à ideais das Luzes européias, aparentemente desconectado das verdades da vida social<sup>1</sup>; no presente de Cecília Meireles, na década de 50, era experimentado de que maneira? As novas formas de imperialismos já detectadas pelos modernistas, já entravam em pleno proceso de alargamento com a TV. E hoje? Como experimentamos o desejo de liberdade? No consumo desenfreado, na ansiedade de não conseguir dar conta de tanta inútil informação?

A autoconsciência que o narrador de *Romanceiro da Inconfidência* constrói no e do poema revive a fraca força das vozes que foram caladas. Nesse sentido que Benjamim faz do verbo “relampejar”.

Devo chamar atenção para o trabalho literário profundamente elaborado dos versos de Cecília Meireles no sentido de redimensionamento de elementos da estética do arcadismo. Assim é que Cláudio Manuel da Costa, Tomaz Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto não aparecem no poema apenas como personagens da história – matéria narrada, também na própria forma comparecem por meio da apropriação de seus poemas e de sua poética numa espécie de paródia. Paródia no sentido de canto ao lado, não de texto contestador e cômico.

Tudo em redor é tanta coisa e é nada:  
Nise, Anarda, Marília...- quem procuro?  
Quem responde a essa póstuma chamada?

Que mensageiro chega, humilde e obscuro?  
Que cartas se abrem? Quem reza ou pragueja?

<sup>1</sup> Para ampliação das discussões sobre este ponto, gostaria de remeter o leitor para o texto ““Como em grandezas tanto horror se troca”. Representação literária e a mercadoria como forma do Brasil Colônia”, de Ana Laura dos Reis Corrêa, publicado nos anais da XI Congresso Internacional da ABRALIC, disponível em <  
[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/ANA\\_CORREA.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/ANA_CORREA.pdf)>

Quem foge? Entre que sombras me aventuro?

Quem soube cada santo em cada igreja?  
A memória é também pálida e morta  
sobre a qual nosso amor saudoso adeja. (MEIRELES, 1989, p. 41)

Mas um elemento novo aparece no texto de Cecília, seu elemento propriamente moderno que transcende os limites da poesia arcádica. A representação do povo e dos conflitos de classe aparece de modo mais, digamos, realista. Conceito concebido aqui do modo como György Lukács o trabalha em seus ensaios da década de 1930. Para tanto, copio a seguir, na íntegra, o Romance XXI ou Das Idéias. O romance que precede a este é o do País da Arcádia, no cenário de Vila Rica. Por aí já vemos a chave crítica pela qual aquele sonho de liberdade era vivido:

A vastidão desses campos.  
A alta muralha das serras.  
As lavras inchadas de ouro.  
Os diamantes entre as pedras.  
Negros, índios e mulatos.  
Almocafres e gamelas.  
Os rios todos virados.  
Toda revirada, a terra.  
Capitães, governadores,  
padres, intendentes, poetas.  
Carros, liteiras douradas,  
cavalos de crina aberta.  
A água a transbordar das fontes.  
Altars cheios de velas.  
Cavalcadas. Luminárias.  
Sinos. Procissões. Promessas.  
Anjos e santos nascendo  
em mãos de gangrena e lepra.  
Finas músicas brotando  
as alfaías das capelas.  
Todos os sonhos barrocos  
deslizando pelas pedras.  
Pátios de seixos. Escadas.  
Boticas. Pontes. Conversas.  
Gente que chega e que passa.  
E as idéias.

Amplas casas. Longos muros.  
Vida de sombras inquietas.  
Pelos cantos das alcovas,  
histerias de donzelas.  
Lamparinas, oratórios,  
bálsamos, pílulas, rezas.  
Orgulhosos sobrenomes.  
Intrincada parentela.  
No batuque das mulatas,  
a prosápia degenera:  
pelas portas dos fidalgos,  
na lã das noites secretas,  
meninos recém-nascidos  
como mendigos esperam.  
Bastardias. Desavenças.

Emboscadas pela treva.  
Sesmarias. Salteadores.  
Emaranhadas invejas.  
O clero. A nobreza. O povo.  
E as idéias.

E as mobílias de cabiúna.  
E as cortinas amarelas.  
D. José. D. Maria.  
Fogos. Mascaradas. Festas.  
Nascimentos. Batizados.  
Palavras que se interpretam  
nos discursos, nas saúdes...  
Visitas. Sermões de exéquias.  
Os estudantes que partem.  
Os doutores que regressam.  
(Em redor das grandes luzes,  
há sempre sombras perversas.  
Sínistros corvos espreitam  
pelas douradas janelas.)  
E há mocidade! E há prestígio.  
E as idéias.

As esposas preguiçosas  
na rede embalando as sestas.  
Negras de peitos robustos  
que os claros meninos cevam.  
Arapongas, papagaios,  
passarinhos da floresta.  
Essa lassidão do tempo  
entre embaúbas, quaresmas,  
cana, milho, bananeiras  
e a brisa que o riacho encrespa.  
Os rumores familiares  
que a lenta vida atravessam:  
elefantíases; partos;  
sarna; torceduras; quedas;  
sezões; picadas de cobras;  
sarampos e erisipelas...  
Candombeiros. Feiticeiros.  
Ungüentos. Emplastos. Ervas.  
Senzalas. Tronco. Chibata.  
Congos. Angolas. Benguelas.  
Ó imenso tumulto humano!  
E as idéias.

Banquetes. Gamão. Notícias.  
Livros. Gazetas. Querelas.  
Alvarás. Decretos. Cartas.  
A Europa a ferver em guerras.  
Portugal todo de luto:  
triste Rainha o governa!  
Ouro! Ouro! Pedem mais ouro!  
E sugestões indiscretas:  
Tão longe o trono se encontra!

Quem no Brasil o tivera!  
Ah, se D. José II  
põe a coroa na testa!  
Uns poucos de americanos,  
por umas praias desertas,  
já libertaram seu povo  
da prepotente Inglaterra!  
Washington. Jefferson. Franklin.  
(Palpita a noite, repleta  
de fantasmas, de presságios... )  
E as idéias.

Doces invenções da Arcádia!  
Delicada primavera:  
pastoras, sonetos, líras,  
- entre as ameaças austeras  
de mais impostos e taxas  
que uns protelam e outros negam.  
Casamentos impossíveis.  
Calúnias. Sátiras. Essa  
paixão da mediocridade  
que na sombra se exaspera.  
E os versos de asas douradas,  
que amor trazem e amor levam...  
Anarda. Nise. Marília...  
As verdades e as quimeras.  
Outras leis, outras pessoas.  
Novo mundo que começa.  
Nova raça. Outro destino.  
Planos de melhores eras.  
E os inimigos atentos,  
que, de olhos sinistros, velam.  
E os aleives. E as denúncias.  
E as idéias. (MEIRELES, 1989, p. 97-100)

Ficam claras as questões de classe na representação ampla da vida social que aparece de modo mais real enquanto pairavam, assim como no texto, na sociedade, os motes iluminados e cheios de razão soprados pelas revoluções em andamento, afinal também é de 1789 a revolução francesa. As idéias que faziam o homem do século XVIII se atuar por uma liberdade de pensamento que o retirava das craveiras do pensamento medieval. Sobre a literatura do século XVIII, escreve Lukács:

... e a nascente sociedade burguesa, com sua nova ideologia, está ainda marcada pelo *pathos* da libertação do homem em face da mortificação feudal, da servidão social e ideológica, da mediocridade e da mesquinhez econômica e política da Idade Média. (LUKÁCS, 2009, p. 214)

Encaminhando este texto para uma reflexão final, vejamos um trecho do Romance LXXXIV ou Dos cavalos da Inconfidência:

Eles eram muitos cavalos.  
E morreram por esses montes,  
esses campos, esses abismos,  
tendo servido a tantos homens.  
Eles eram muitos cavalos,  
mas ninguém mais sabe os seus nomes  
sua pelagem, sua origem...  
E iam tão alto, e iam tão longe! (MEIRELES, 1989, p. 275)

Num sentido muito especial, os inconfidentes foram esses cavalos, comandados por idéias alheias que os comandavam. O movimento deles, vindo também de sua realidade material, não conseguiu transpor a fase das idéias e se materializar na vida social. A brutalidade e a força do imperialismo venceram naquele momento. Mas esse inimigo não tem cessado de vencer. Por isso a força sempre viva desse texto de Cecília Meireles.

## **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LUKÁCS, Gyorgy. O romance como epopéia burguesa. In: COUTINHO, Carlos Nelson (org.). *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.

\_\_\_\_\_. *Romanceiro da Inconfidência*. 8. ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1989.

PROENÇA FILHO, Domício (org.) *A poesia dos inconfidentes: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

---

**i Adriana de Fátima Barbosa Araújo (Profa. Dra.)**

Universidade de Brasília (UnB)

Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL)

adrianaaraujo@unb.br